



# Ensaaios

# **Casa branca, terra roxa:**

**modernidade, espaço  
rural, arquitetura e  
suas relações de gênero**

**Maicon Rodrigo Rugeri**

MALOCA, PÓS-CULTURA / UFBA



S

O

mato

potreiro

roça

terreiro

▲  
entrada

L

N

O Paiol (1950). 50m<sup>2</sup>. Serranópolis do Iguaçu - PR.



S

O

potreiro

bananal

terreiro

sombra

jardim



▲  
entrada

Casa Velha (1970). 100m<sup>2</sup>. Serranópolis do Iguaçu - PR.

L

N

S

O



roça



horta



canteiro



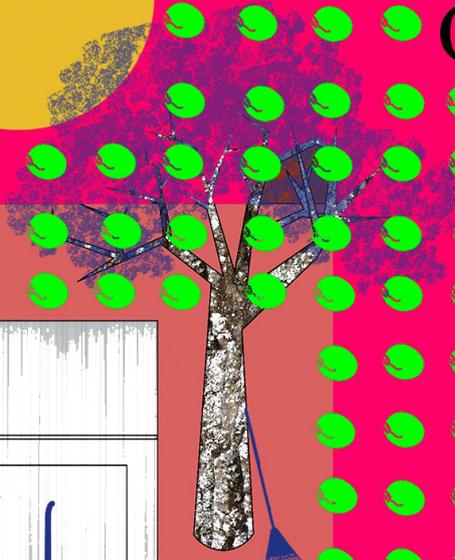
L

Paisagismo Subjetivo (1950-atual). Serranópolis do Iguaçu - PR.

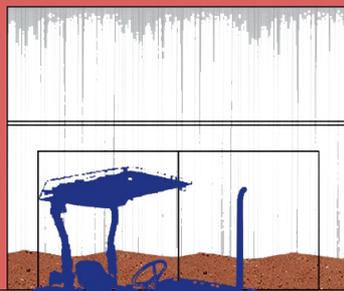
N

S

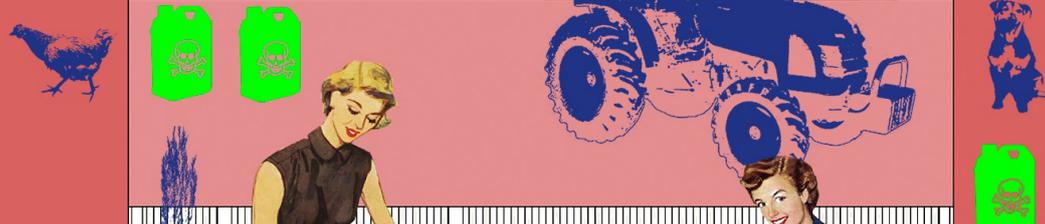
O



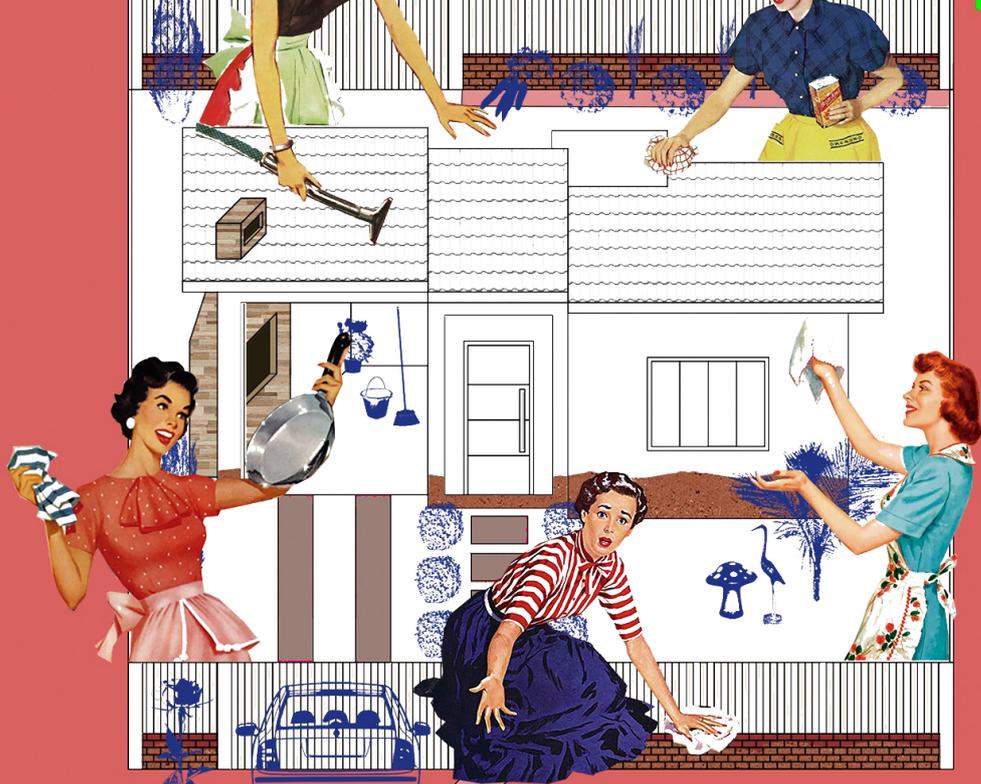
roça



terreiro



cercado



frente

entrada

L

N

Casa Nova (2000). 160 m<sup>2</sup>. Serranópolis do Iguaçu - PR.





Os desenhos deste ensaio foram realizados no momento de uma reflexão para um trabalho de conclusão de curso (RUGERI, 2017) no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana e sob a orientação de Andréia Silva Moassab – marcada pelo giro decolonial e sobre a produção de sentidos e representação em arquitetura. Por meio da experimentação visual aqui proposta, procurei mostrar o quanto o desenho técnico deixa ausente, na sua representação, a pluralidade de sentidos e vivências, analisando criticamente a arquitetura produzida na ruralidade conjuntamente aos debates sobre gênero e espaço doméstico e as relações de poder nele presentes (cf. MOASSAB, 2016).

Para tal, analisei o processo de mudança na casa rural no oeste do Paraná nas últimas décadas e a relação entre espaço e gênero a partir do estudo de caso da casa de Dona Maria, no município de Serranópolis do Iguaçu, Paraná. O patriarcado tem mantido, há séculos, a mulher no espaço doméstico, destinando os espaços públicos aos homens. Nessa distinção de gênero estão presentes a subalternização da mulher nos processos decisórios e a não participação da vida pública, o que a restringe ao espaço doméstico-privado. Além disso, o modelo civilizatório da modernidade ocidental também subalternizou o espaço rural frente ao espaço urbano. E, finalmente, uma outra camada de análise se faz necessária: a referente à classe.

Afinal, o espaço rural em questão é aquele das/os trabalhadoras/es rurais. Imposta sob essa ótica, a arquitetura no espaço rural dessa região oeste do Paraná foi transformando-se, sobretudo, por processos econômicos que foram apagando a identidade cultural local e criativa das/os moradoras/es para dar lugar a casas padronizadas, sob os paradigmas de desenvolvimento pautados por espacialidades, técnicas construtivas e materiais urbanos: enquanto a terra é avermelhada (conhecida pelo topônimo popular de “*terra roxa*”), as casas novas têm sido cada vez mais na cor branca, contrastando com as necessidades do contexto rural. Outra relação que ocorre no espaço doméstico dessas casas, é a reprodução da opressão das mulheres, por causa das estruturas de dominação masculina que dividem desigualmente os papéis sociais — e espaços — entre homens e mulheres. Enquanto no espaço interior doméstico o trabalho é cansativo e invisibilizado, em contrapartida, no espaço exterior doméstico, os espaços de cultivo, como os jardins, hortas e as roças, produzem afetos, sentidos simbólicos, identitários e de autoestima; e conformam assim, um paisagismo subjetivo que difere das lógicas de concepção dos espaços arquitetônicos hegemônicos e racionalizados pela modernidade ocidental, em que a paisagem e o paisagismo são tomados enquanto espaços estáveis, contemplativos, estéticos, harmônicos e sem contradições.

O desenho técnico em arquitetura reproduz uma das facetas de poder da modernidade/colonialidade que, sob sua racionalidade tecnocientífica, constrói uma episteme eurocentrada e colonial, naturalizada como universal, neutra e verdadeira (ESCOBAR, 2016). Essa estrutura, ao longo do tempo, tem apagado e silenciado saberes e expressões populares e da diversidade de vivências nos espaços, em nome de uma suposta funcionalidade. Além disso, o desenho arquitetônico marca a divisão histórica entre trabalho intelectual e manual na arquitetura, hierarquizando o primeiro em posição superior ao segundo. Essa desigualdade aparece com maior força no canteiro de obras, pela exploração e alienação do trabalho do construtor, convertendo o desenho num instrumento de comando do capital (ARANTES, 2012).

A representação convencional em arquitetura supervaloriza a precisão métrica da matemática, a geometria cartesiana e a racionalização dos usos dos espaços, em detrimento de

---

1 O nome *terra roxa* vem de um equívoco de tradução: os imigrantes italianos que aqui chegaram, chamavam a terra vermelha de terra “*rossa*” (“*vermelha*” em italiano). Ao traduzirem para o português utilizou-se a palavra de fonética mais próxima a *rossa*, ou seja, “*roxa*”.



outros fatores arquitetônicos, de questões ambientais e psicológicas, do cotidiano, das sensações e emoções, do tempo e das experiências de habitar. Ou seja: há uma imensa valorização num projeto fixo, estável, terminado e higiênico, naturalizado como “verdadeiro”, que se encerra numa exaltação acrítica e colonizada das formas materiais da arquitetura, reduzindo toda a potência espacial a linhas, fluxos e códigos abstratos. Além disso, o desenho técnico tem uma gramática própria, entendida apenas por quem aprendeu a lê-lo, ou seja, os profissionais da área. Essa linguagem hermética concentra o saber, não democratizando o acesso ao conhecimento e também produzindo ruídos e falhas na comunicação entre profissionais e usuárias/os, como por exemplo a não compreensão das propostas projetivas das/os arquitetas/os ou edificações que não atendem às necessidades das/os suas/seus usuárias/os.

Nos desenhos deste trabalho, portanto, experimentei representações alternativas, por meio de uma reflexão visual que traz outras informações à leitura e ao entendimento dos espaços. Assim, esse trabalho de conclusão de curso foi, de certo modo, um manifesto para a desconstrução das formas de expressão canônicas em arquitetura.

Sobre a produção de imagens: optei, no caso da representação arquitetônica, por construir o desenho a partir do programa de computador AutoCAD, o mais conhecido e usado entre as/os arquitetas/os no Brasil, evidenciando que muitas vezes não é preciso buscar outras ferramentas, mas sim se apropriar das existentes e acessíveis, e adequando-as a outros processos e ideias de representação. Também não reproduzi técnicas convencionais na arquitetura como a planta baixa, o corte ou a perspectiva, mas sim pensei em outras formas de representar e mostrar os espaços que fossem mais inteligíveis. Para tanto, inspirei-me em desenhos que eu fazia quando criança e na forma intuitiva de organização e percepção do espaço, sempre visando a uma leitura e a um entendimento mais acessível a todas/os, menos codificado. As cotas que usualmente medem numericamente os espaços, nesses desenhos medem nomeadamente, ou seja, mais importante que as metragens, que são variáveis e imprecisas, é nomear e tornar visível os lugares e espaços rurais que, geralmente, não são considerados pela arquitetura. As cores e as texturas criam sentidos e acrescentam informações importantes para a compreensão do espaço. A predominância dos tons alaranjados e rosados contextualiza a terra vermelha presente no oeste paranaense. As texturas mostram as características visuais dos materiais usados na arquitetura e nos espaços e a passagem do tempo, como a sujeira, a marca de terra, buscando uma representação menos abstrata e mais familiarizada com o cotidiano.

Se por um lado os desenhos ganharam marcas do cotidiano, do tempo, do envelhecimento e do uso, as figuras humanas, por outro lado, são exatamente o contrário. Recortadas de anúncios estadunidenses de produtos de limpeza e eletrodomésticos das décadas de 1940 e 1950, as figuras de mulheres brancas utilizadas ao longo do trabalho evidenciam, por contraste e com um toque de ironia, a cobrança de perfeição exigida pelo patriarcado. Elas são o estereótipo de esposas e donas de casa ideais, que além de responsáveis pela manutenção do lar, do cuidado das/os filhas/os e do marido, devem estar sempre bonitas, bem vestidas e maquiadas, obrigadas a atender esses padrões sociais naturalizados. Isso contrasta fortemente com a realidade das donas de casa – principalmente das mulheres rurais – já que o trabalho doméstico é cansativo, desgastante, estressante, nunca realizado por mulheres bem vestidas e maquiadas, e, muito menos por corpos padronizados.

A opção pelo uso de carimbos que representam as ferramentas, as plantas e os animais, traz para o desenho os elementos que condicionam as transformações e produções de espaço no campo: as ferramentas que criam ou destroem os lugares e o pensamento espacial que inclui as plantas e os animais. O carimbo tem uma relação com o trabalho manual e repetitivo,



sendo análogo ao trabalho doméstico que também é manual e repetitivo. Foram elaborados carimbos como representação dos agentes criadores, transformadores e de manutenção do espaço exterior doméstico: são as ferramentas e objetos cotidianos que produzem, alteram e mantêm esses espaços; os animais, que no espaço rural têm enorme relevância no pensamento e na produção de espaços; e as plantas que também constituem e definem esses lugares. Trabalhos artísticos que usam carimbos foram referência para esta proposta, como é o caso da “Oficina Botânica Ordinária” de Bruno Oliveira e Victor Tozarin e o trabalho de conclusão de curso de Victor Tozarin (2016).

Nos mapas (e nos desenhos), mais importante do que precisões métricas-matemáticas que traduzem uma falsa noção de realidade, optei por representar as relações das mulheres com o espaço: no caso da Dona Maria, mostrando essa relação na arquitetura, nos lugares que ela desempenha suas práticas cotidianas e nos mapas, nos deslocamentos e no uso do território. Toda representação é uma distorção, como bem tem demonstrado a cartografia crítica e artistas desde os anos de 1960, como Öyvind Fahlström (1973), o coletivo Iconoclastas (2006) e André Mesquita (2014). Na América Latina, trabalhos como a “América Invertida”, de Joaquín Torres García, têm questionado os mapas desde os anos 1940.

O mapa mente. A geografia tradicional rouba o espaço, como a economia imperial rouba a riqueza, a história rouba a memória e a cultura formal rouba a palavra (GALEANO, 2004, p. 323).

Além disso, existem elementos usados para legitimar a suposta veracidade e, por sua vez, a cientificidade dos mapas ou das representações em arquitetura, que são a escala numérica, medições e os pontos cardeais, os quais foram abandonados ou modificados nessa experimentação. Para evidenciar outros sentidos nessa linguagem, inclusive o político, inverteu-se, à semelhança de Joaquín Torres García, a orientação dos pontos cardeais. Para cima e à esquerda, o sul, de América do Sul, e à direita, o oeste da região paranaense. Trata-se de uma escolha que quer apontar o sul como perspectiva, tirando do foco o norte global. Ainda que virar o mapa não seja suficiente para acabar com os diversos sistemas de opressão, como aponta Bruno Oliveira (2016), toda representação é política, e portanto, este trabalho é certamente uma escolha política contra os cânones da arquitetura, mesmo que claramente insuficiente. As opções de representação acompanham e pensam, sendo assim, um conjunto de questionamentos sobre modernidade, espaço rural, arquitetura e questões de gênero.

## Referências

ARANTES, P.F. **Arquitetura na era digital-financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo: Editora 34, 2012.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**: La realización de lo comunal. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

FAHLSTRÖM, O. **Garden - A World Model**. S.l.: 1973. Escultura.

GALEANO, E. **Patatas arriba**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

MESQUITA, A.L. **Mapas dissidentes**: proposições sobre um mundo em crise (1960- 2010). 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,



Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MOASSAB, A. Os desafios de introduzir a categoria gênero no ensino de arquitetura e urbanismo. **Arquitetas Invisíveis**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 61-64, 2016.

OLIVEIRA, B. e TOZARIN, V. **Oficina Botânica Ordinária**. Tucumán, 2017. Instalação artística.

OLIVEIRA, B.E.G. **Variantes sin contenido**: territórios, especulação estética e visualidades decoloniais na América Latina. 2016. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RUGERI, M.R. **Casa branca, terra roxa**: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017.

TORRES GARCÍA, J.T. **América Invertida**. S.l, 1943. Desenho.

TOZARIN, V.G. **Por mais jardins ordinários**: paisagismo subjetivo como tecnologia social. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo), – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2016.